

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA: UM ATO POLÍTICO E INTERVENTOR

Álef Mendes dos Santos ¹
Érica Jerônimo dos Santos ²
Joallison Moreira de Lima ³
João Paulo Ferreira da Silva ⁴
João Batista Gonçalves Bueno ⁵

INTRODUÇÃO

A escola pode, e deve ser um laboratório experimental, um espaço de debates, de construção e desconstrução das mentalidades, e do imaginário. A educação, desta maneira, deve ser transformadora, realizada como um ato político de intervenção e reinvenção dos espaços, buscando fomentar não as certezas, mas as dúvidas. Ensinar História partindo destes prismas, é buscar a inquietação dos alunos/as, e fazê-los pensar para além do dado, e do que está posto no livro didático, é interpelá-los a reflexão para além do exposto, é lançá-los ao mar da curiosidade, aguçando-os, ao prisma dialético freiriano, reflexão, ação, reflexão. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é discorrer sobre a nossa experiência como bolsistas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES-MEC; ação que foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rodrigues de Carvalho, localizada no município de Araçagi-PB. Durante a trajetória intervimos nas aulas de História, principalmente na turma do 1º ano (B) do ensino médio, e contribuimos com a docente titular do componente de História, da unidade de ensino. Desta forma trazemos como objeto de análise deste trabalho, a aplicação de uma avaliação formal, e a posterior aula de campo que realizamos no Sítio Arqueológico Pedra do Itacoatiara, na cidade de Ingá, localizada regionalmente em Itabaiana, estado da Paraíba. A escolha da turma deu-se pela acessibilidade, e por esta ação, em hora objeto de análise e construção deste trabalho, deve-se ao fato de constituir-se como uma forma de descentralização do fazer pedagógico. Constituindo-se como uma experiência rica em conhecimentos, e passível de transformação no imaginário dos educandos, buscando através desta ação, uma reflexão por meio do contato com marcas do passado, que estão carregadas de presente, e significação. Esperamos, portanto termos contribuído na construção do conhecimento, e que a ação tenha despertado nos discentes, o desejo por novos estudos relacionados com a Pré-História.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Durante a nossa estadia na instituição de ensino, supracitada acima, evidenciamos sobre tudo, dois momentos presentes em nosso projeto pedagógico: a avaliação formal, e a visita ao Sítio Arqueológico Pedra do Ingá. No primeiro momento, a professora titular e nossa orientadora do

¹ Graduando do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba-pb, alefmendesteologo@gmail.com;

² Graduando do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba-PB, ericajs1995@gmail.com;

³ Graduando do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba-PB, jmoreirabmx@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba-PB, jpaulof08@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Doutor em História da Educação, Universidade Estadual de Campinas-SP, joaobgbueno@hotmail.com.

projeto na escola, Maria das Dores Fonseca Ribeiro Santos, nos encarregou de desenvolver uma avaliação composta por seis questões, sendo elas objetivas (múltipla escolha), e subjetivas. Esta proposta visava avaliar a absorção do conteúdo por parte do corpo discente. Utilizamos para o desenvolvimento desta atividade conteúdos presentes no livro didático, que norteou a construção de questões, objeto da prova a ser aplicada.

No segundo momento, nos foi possibilitado uma aula de campo neste Sítio Arqueológico acima citado. Esta expedição pedagógica transcorreu da necessidade de aproximar o assunto Pré-História, a algo mais representativo, o que contribuiu e intermediou a compreensão do conteúdo Pré-História. No desenvolver desta atividade foi proposto aos alunos o uso do lápis e caderno, com o objetivo de que tomassem nota da aula para a realização posterior de um relatório que visava estimular a pesquisa e desenvolver o desejo pela escrita nos discentes, objetivando assim uma maior compreensão da temática abordada.

DESENVOLVIMENTO

A realização e a correção das provas, tornou este processo ainda mais enriquecedor, pois, não apenas concebemos a avaliação, mas também analisamos as respostas do alunado, assim sendo nos foi estimulado todo um sentimento reflexivo, característico do pensamento freireano, o qual fomenta e consubstancia a nossa atuação em sala, pautada no prisma: reflexão, ação, reflexão. Tal entreposto nos instigou a formular perguntas; “por qual motivo ele(a) optou por essa resposta?”, “em que medida a minha explicação contribuiu para que ela(e) respondesse essa questão dessa maneira?”, “por que optou por essa opção incorreta mesmo após toda aquela explanação realizada?”. Uma vez avaliadas as respostas elaboradas pelos alunos, refletimos sobre o processo interativo entre nós (Pibidianos), e eles (corpo discente), e acreditamos termos alcançado uma nova experiência docente, dotada de características até então não manifestas, e que agora se faziam presentes com robustez e intensidade nesse processo de iniciação à vida docente.

O nosso grupo era até então, integrado por quatro componentes, os quais se dividiram para execução do nosso projeto pedagógico. Três de nós, ficamos encarregados de desenvolver a primeira fase, que iniciava-se pela avaliação formal; enquanto o quarto integrante - mas não menos importante - coincidentemente residente na cidade de Araçagi-PB, município que situa-se a instituição de ensino Rodrigues de Carvalho, encarregou-se de conseguir agendamento, e transporte para a visita ao sítio arqueológico, experiência essa considerada por nós a segunda e última fase da proposta pedagógica. Durante a visita ao sítio arqueológico também conhecido como Pedra do Ingá - visita (expedição pedagógica) que transcorreu da necessidade de aproximar o assunto Pré-História, a algo mais representativo, intermediamos por métodos alternativos a compreensão dos alunos – desta forma os vestígios arqueológicos presentes na Pedra do Ingá, continham registros, evidências de atividades humanas - representadas pelas figuras rupestres gravadas sobre a pedra - diferentemente da representação do livro didático a aproximação física dimensionou-nos empiricamente ao período de forma contributiva. A partir desse momento, pudemos juntamente aos alunos assimilar o assunto, através da materialização, forma documental mais próxima de relacionar o passado desses povos aos estudos do presente. Evidenciamos a temática que havíamos ministrado em sala, e que em hora tinha sido objeto da prova que fora aplicada anterior a aula de campo. Como nos aponta GONÇALVES; BARATA (2015) a aula de campo é de grande importância para o desenvolver e promover a comunicabilidade social e empiria humana. Em consonância a isto, diz VIVEIRO; DINIZ (2009), o estudo do meio possibilita não somente um dinamismo didático, mas, também favorece enquanto componente processual de assimilação de assuntos e conceitos. Dessa

maneira partimos de uma ação quando da realização da prova, o que nos deu uma amostra do nível de aprendizagem dos alunos, e após uma reflexão polida, decidimos propor uma aula de campo, pois os inscritos sob a pedra contextualizam o modo de vida pré-histórica, uma vez que continha em sua composição desenhos que representavam o modo de vida na pré-história, sendo, através da caça; as possíveis fases da lua e a contagem do tempo; de forma didática, a atividade antes realizada em sala passara a materializar-se de forma representativa pois este modelo pedagógico dividiu-se em duas vias diferentes, no entanto, interligadas, transformando a realidade dos alunos, partindo de recursos avaliativos - meios mais tradicionais - e uma aula de campo que teve por função dar significação, ao trazer respaldo à temática trabalhada em sala.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização da prova como parte do nosso projeto pedagógico nos proporcionou uma experiência memorável, dando-nos a oportunidade de avaliarmos o andamento do aprendizado do alunado, de maneira que nos fora oportunizado refletir sobre nossa ação pedagógica, e planejarmos com direcionamento didático os nossos próximos passos. Nas correções das provas obtivemos resultados satisfatórios de uma maioria dos discentes, no entanto, ao refletirmos sobre a nossa própria prática como seres inacabados, e entendendo que nós e os alunos estamos em plena construção e desconstrução, propomos a partir dessa reflexão, como atividade complementar a aula de campo, que nos propiciou a materialização do assunto referente a Pré-História outrora ministrado em sala. A Visita ao Sítio Arqueológico, situado na zona rural de Ingá, expedição pedagógica transcorrida de forma representativa e empírica que visou ir além dos muros da escola com intuito de dinamizar o processo ensino-aprendizagem, e através dos registros ou gravuras rupestres e suas representações intermediou-se a compreensão do tema Pré-História dando significação com a materialidade dos registros. Evidenciamos por meio desses registros deixados por povos pré-históricos a temática da aula ministrada em sala, pois os inscritos na pedra trouxe-nos evidências do modelo de vida pré-histórica, contando-nos representativamente sobre o modo de sobrevivência através da caça; as fases da lua e contagem do tempo. De forma didática e através da empiria a atividade antes realizada em sala confirmou-se a algo mais representativo. Essas experiências pedagógicas na escola e extraescolar vivenciadas com os alunos, enriqueceu significativamente a formação destes discentes, a partir da ação desenvolvida, tendo como dispositivo nossa reflexão, o que resultou na necessidade de fazermos o deslocamento para além da sala de aula, buscando uma nova ação dos alunos, quando da realização de um relatório sobre a viagem, despertando no corpo discente a capacidade de ação e reflexão, para que possam ter cada vez mais, menos certezas e mais dúvidas, os tornando seres críticos, e ativos, que não aceitam somente o que está posto, mas que frente ao novo também não exclui o velho, o que lhes tornam não detentores do conhecimento, mas descobridores de si e dos outros, seres que se percebem inconclusos, e que ,por isso, buscam investigar por meio da criticidade o que lhes é posto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a nossa experiência aqui compartilhada, aponta para algumas questões que são de total importância. A primeira, versa sobre a importância de buscarmos ministrar aulas sempre em conjunto com os alunos, pois o uso de materiais que estejam acessíveis aos alunos, é um fator decisivo para o bom desenvolvimento e desempenho das aulas, sempre buscando enxergar no alunado seus conhecimentos, ou seja, o que previamente já adquiriram

cognitivamente, e trazem para escola, uma vez que estes não são tábulas rasas. Portanto, o diálogo torna-se imprescindível quando da aplicação de aulas que buscam trazer o aluno para o centro do ensino, estimulando nele uma elevação na capacidade cognitiva, de maneira a auxiliar no desenvolvimento das ferramentas necessárias para construir nele entendimento da realidade empírica. A segunda questão é apontar que a sala de aula é um lugar de experimentação, que pode vir a ser ainda mais potencializada através do uso de outros espaços como parte do processo de ensino e aprendizagem. Assim sendo, acreditamos que esses dois momentos agem em conjunto, tendo em vista que ambos se completam, entre uma experiência de teor mais abstrata, e um momento de materialização do conhecimento quanto a aula de campo, compondo um conjunto harmônico que tem por objetivo aproximar os conteúdos do currículo escolar à experimentações com fins pedagógicos.

Palavras-chave: Pré-História; Avaliação; Experiência.

REFERÊNCIAS

VIVEIRO, A.A.; DINIZ, R.E.S. **Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar.** UNESP, 2009.

GONÇALVES, E.N.C.; BARATA, D. **Aula de campo como metodologia didática no ensino de ciências: Uma experiência com o Projeto Tamar.** In: CAMPOS, C.R.P. **Aulas de campo para alfabetização científica: Práticas Pedagógicas Escolares.** Vitória: Ifes, 2015. p. 141-157.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.